

Capitalismo de sufocamento: cansaço, confinamento e respiração

Saulo Pinto Silva*

Resumo:

A pandemia do covid-19 abriu uma situação de emergência global. Com ela, temos a política do confinamento como forma de combate à crise. A questão decisiva é que talvez já estivéssemos confinados antes que o confinamento ocorresse. Assim, procura-se relacionar a relação entre cansaço subjetivo, confinamento dos corpos e a falta de respiração como características típicas do que achamos aqui de capitalismo de sufocamento. Por fim, o significado da respiração autêntica como solução ao problema do cansaço-confinamento hoje precisa ser nomeado pela Ideia do comunismo.

Palavras-chave: capitalismo de sufocamento; cansaço; confinamento; respiração; comunismo.

Suffocation capitalism: Tiredness, Confinement and Breathing

Abstract:

The covid-19 pandemic has given rise to a global emergency. The policy of confinement has appeared as a way of combatting the crisis. The central issue is that perhaps we were already confined before the confinement occurred. Thus, we seek to relate the relationship between subjective tiredness, confinement of bodies and lack of breathing as typical characteristics of what we identify as suffocation capitalism. Finally, the meaning of authentic breathing as a solution to the problem of tiredness-confinement today needs to be named the Idea of communism.

Keywords: suffocation capitalism; tiredness; confinement; breathing; communism.

Por que estamos cansados?

Estamos diante de um cansaço estranho, desconfortável, que produz culpa e impotência generalizada. Na verdade, a pandemia do covid-19 é sintoma de um tipo de desamparo que tem origem na estrutura objetiva de funcionamento do capitalismo realmente existente. O paradoxo é que o imperativo categórico de submissão pessoal à liberdade do tempo livre alcançou seu limite quando aparentemente o capitalismo está “suspense”. Estamos em casa, mas o mal-

* Doutor em Políticas Públicas. Professor do Departamento de Economia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís-MA, Brasil. End. eletrônico: saupinto@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0002-6256-6734>.

-estar é constitutivo da nossa experiência, pois é possível que jamais tenhamos experimentado um tipo de cansaço (que se combina com a sensação de tédio) tão profundamente paralisador. Apenas enxergamos o curto-prazo. Não podemos imaginar o que virá depois: a culpa nos controla, o medo paralisa. A relação de partilha é o que nos liga ao outro. Hoje estamos diante de uma ruptura difícil. É assim que a dominação social imposta pelo capitalismo -digamos assim, pandêmico- precisa ser definida por um tipo de distanciamento ontológico, que faz com que estejamos sempre juntos, mas profundamente separados, isto é, “o sistema econômico fundado no isolamento é uma *produção circular do isolamento*” (Debord, 1997, p. 23). Isolamento e cansaço de tudo podem bem definir a substância da crise global. Todavia, fala-se que o tempo livre é pressuposto da imaginação e das capacidades oníricas da subjetividade que se quer autêntica. A questão decisiva é: o problema não está justamente no fato de que estamos vivendo um tipo paradoxal de liberdade forçada?

Foi Paul Lafargue quem em 1880 escreveu um poderoso panfleto que buscava elaborar uma “refutação do direito ao trabalho de 1848”. Ele diz que a raiz da miséria humana estaria corporificada numa “estranha loucura”, em que “essa loucura é o amor ao trabalho, a paixão furiosa pelo trabalho, levada ao esgotamento das forças vitais do indivíduo e de sua prole” (Lafargue: 2016, p.38). Essa impotência objetiva é derivada do fato de que a relação fundamental subjacente à “normalidade” do capitalismo é capturada pelo estranhamento objetivo, isto é, a relação decisiva do indivíduo singular é mediada pela “objetivação do trabalho”, mas que, nesse caso, ele não controla sua atividade primordial dentro do metabolismo social.

Marx fala que num tipo de dominação social imanente que aparece como “coerção muda”, “dependência que tem origem nas próprias condições de produção e que por elas é garantida e perpetuada” (Marx, 2013, p. 808-809). É assim que a “objetividade” estranhada aparece como desefetivação. A paranoia é que a “objetividade” funciona como um tipo de espectro permanente, sendo que sua *presença* corporificada nas mercadorias assinala o estranhamento objetivo e sua *ausência* explícita a impotência do sujeito despossuído. A dialética possível aqui é que temos um curto-circuito produzido pela “objetividade” entre a “atividade como miséria” e sua “força como impotência” (Marx, 2010, p. 83). Então, temos um tipo de vida orientada miseravelmente pela impotência?

O problema é que a liberdade negativa é constitutiva da própria dominação. Ela faz parte de um tipo de circularidade em que o sujeito é livre para mover-se por dentro do estranhamento como forma de vida. A questão é que nossa liberdade negativa ampla mantém a todos confinados neste mundo. Marx diz que “o trabalhador só se sente junto a si [quando] fora do trabalho e fora de si

[quando] no trabalho”, “está em casa quando não trabalha e, quando trabalha, não está em casa” (Marx, 2010, p. 83). Mas ainda é possível manter essa posição? Temos hoje um tipo de capitalismo diferente -no sentido de que há determinações mais complexas e difíceis- do capitalismo experimentado por Marx. É necessário utilizar a “dialética autêntica” (Lukács, 2013, p. 761) de Marx para pensar os impasses contemporâneos. Embora ontologicamente fundante e decisivo, o trabalho tem sua dominação social ampliada pelo aparecimento da “sociedade do espetáculo”, cuja forma de relacionamento mínima é o estabelecimento de relações sociais alienadas que são mediadas pela imagem e pela representação. Na violência brutal operada pelo mundo das imagens, a fronteira típica entre o tempo estrito ao trabalho e a dimensão simbólica do não-trabalho fora abolida. O inferno da máquina capitalista está em todo lugar.

Guy Debord fala que a “alienação do espectador em favor do objeto contemplado” produz uma ambiguidade importante, pois “quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo”. Para ele, “é por isso que o espectador não se sente em casa em lugar algum, pois o espetáculo está em toda parte” (Debord, 1997, p. 24). O que temos, então, é um tipo de trabalhador que está confinado ao mundo, ou seja, ele se encontra socialmente desamparado, subjetivamente aprisionado e emocionalmente explorado pelo capitalismo. O paradoxo é que o sujeito singular não está livre para experimentar uma forma de vida distinta da imposta pelo capitalismo dominante, pois sua liberdade somente pode escolher aquilo que está sendo disponibilizado pelo espetáculo. Não é possível mais dizer que exista uma lacuna entre o tempo de trabalho latente e o tempo liberado manifesto do trabalho na vida ordinária do sujeito. Ao contrário da fixação ideológica amena, o capitalismo funciona como um espectro.

Em termos psicanalíticos, é a repressão da pulsão que dessexualiza a energia do sujeito, deslocando-a para a atividade primordial do trabalho. Assim, é o exercício do gozo da liberdade compulsiva que leva o indivíduo ao trabalho, pois, expropriado das condições objetivas de reprodução, sua sobrevivência pessoal está submetida à mediação contratual no mercado de corpos capitalista. O dinheiro ocupa aqui uma função decisiva. A ausência completa dele (que é utilizado para o consumo pessoal improdutivo), entretanto, produz a inanição física, moral, subjetiva. Então, a liberdade compulsiva que leva o sujeito singular ao trabalho faz com que ele se sinta sempre “fora de si”, pois no trabalho toda a energia dispendida é capturada por um tipo de atividade, cuja finalidade não significa a realização de suas carências mínimas, nem tampouco de suas capacidades singulares. O paradoxo é que o “retorno” para casa não é acompanhado de uma sensação compensatória de descanso, liberdade, criação subjetiva. Na

verdade, temos o “retorno do reprimido” que transita da “normalidade” para a “suspensão” compulsória do mundo existente. A situação do confinamento como generidade em si aparece como ansiedade, depressão, transtornos compulsivos generalizados. Não é possível a elaboração de outro “mundo” no confinamento. Assim, a inexistência da divisão entre o que está “dentro” e o que está “fora” das coordenadas básicas do estranhamento objetivo acaba produzindo um prolongamento difícil dos problemas ontológicos do mundo capitalista. Ela é paranoica e seu limite é esquizofrênico.

É possível aderir a uma interpretação ampla da dominação social sem aderir ao puro subjetivismo absoluto? A hipótese primordial de Marx é que o trabalho alienado desumaniza o corpo falido pela miséria – que não pode ser reduzida à pobreza, mas temos que tratar na dimensão ampla derivada de Hegel e que depois foi alargada por Marx–, e a subjetividade é expressão imediata da lacuna inscrita na objetividade estranhada. Como sabemos, a subjetividade é reduzida à unilateralidade enfadonha da competição e a um tipo de atividade recortada pela necessidade social do capital. Não há realização pessoal aqui. Não se pode ter algo diferente do que a angústia generalizada. É assim que a potência dos sentidos humanos é capturada e desviada para uma atividade estranhada, reduzindo toda potência subjetiva ampla “a paixão furiosa pelo trabalho”. Mas quando a “sociedade do trabalho” é desprovida de trabalho para todos? É um problema de excesso de liberdade, ou de falta dela? Slavoj Žižek indica uma ambiguidade aqui, quando diz que “o trabalho precário é apresentado (e até certo ponto efetivamente vivenciado) como uma nova forma de liberdade” (Žižek, 2019, p. 48).

O que a crise do trabalho indica é que o sofrimento não está restrito à sua incorporação como forma de vida, mas sua ausência não é uma falha ao sistema dominante. Podemos dizer, em certa medida, que a “normalidade” do capitalismo é a perversão entre formas corporificadas tradicionais de trabalho e a ausência-precariização-flexibilização completa delas. Não ter trabalho, ou ter seu rebaixamento induzido, é traduzido ideologicamente como a forma contemporânea do novo trabalhador ambivalente no universo do “capitalismo cognitivo”. Estar em casa é, grosso modo, sinônimo remoto da liberdade criativa. Podemos ainda dizer que estar casa significa um tipo de existência “fora do trabalho”, “junto a si”, livre das obrigações coercitivas? Estamos cansados, e esse cansaço está desorientado, despolitizado: trata-se de um cansaço do trabalho, mas também que é exaustão do tempo livre obrigatório e que, na verdade, produz um tipo de servidão e sujeição à imagem do mundo dominante. A participação ativa do cansaço resulta na impotência. É assim que temos uma mudança significativa no metabolismo social do capitalismo, em que “hoje a liberdade está se transformando em coação” e “a repressão cede lugar à depressão” (Han, 2017, p. 117). A coação anônima precisa ser reduzida ao mero problema subjetivo.

Para além da “normalidade” de funcionamento do capitalismo, o que temos hoje é a “suspensão” do próprio capitalismo, mas isso não faz parte do seu próprio metabolismo inconsistente? É possível dizer que o funcionamento do capitalismo é mediado pelo colapso, que aparece agora como crise estrutural e suspensão permanente como modo de vida global. O confinamento particulariza o cansaço que, nesse caso, curiosamente aparece como cansaço na condição de não-trabalho. Talvez o cansaço seja a medida mínima produzida pela máquina capitalista, que nos torna dispostos ao trabalho e indispostos ao tempo livre. É a obrigação à livre disposição da liberdade que torna essa experiência enfadonha, tediosa, improdutiva. A verdade é que não sabemos o que fazer com a liberdade compulsória, pois estamos presos no seu impasse. É necessário fazer perguntas aqui. A experiência do confinamento forçado significa uma virada para outro mundo? Ou o que estamos presenciando é um processo mais complexo de restauração para um tipo de capitalismo de sufocamento?

Estamos em confinamento?

O que temos hoje é um tipo de situação de emergência global, que se apresenta como “suspensão” da forma de vida dominante: as pessoas não podem aparecer, estão impedidas da circulação plena, não podem vender modos de vida alternativos. O que estamos descobrindo no confinamento compulsório é que o verdadeiro confinamento é aquele que experimentamos na “normalidade”, pois não há antídoto disponível hoje à imaginação política capaz de abrir uma alternativa possível ao inferno do capitalismo virótico. Isso significa que o confinamento compulsório antecipa uma situação difícil à consciência particular, já que o nosso próprio modo de vida global -e seus modos alternativos possíveis- aparece como o verdadeiro confinamento, isto é, a verdade do capitalismo se apresenta em toda a sua força na universalidade do confinamento. Diz Agamben:

Por que não houve protestos e oposições, como era possível imaginar e como é costume nesses casos? A hipótese que gostaria de sugerir é que, de alguma maneira, embora inconscientemente, a praga já estivesse lá, que aparentemente as condições de vida das pessoas haviam se tornado tal que um sinal repentino foi suficiente para fazê-las aparecer como já estavam; isto é, intolerável como uma praga. E isso, em certo sentido, é o único fato positivo que pode ser observado na situação atual: as pessoas podem mais tarde começar a se perguntar se a maneira como viveram foi a correta (Agamben, 2020, p. 135-136, tradução livre).

A questão decisiva é que temos um mundo global em que as pessoas se organizam em bolhas mais ou menos autossuficientes -a função do Facebook e Instagram é manter o confinamento da fúria organizado pela lógica dos algoritmos-, em que cada posição particular luta para ter seu reconhecimento no

mundo. No lugar do antagonismo decisivo, temos a proliferação de polarizações que não contraditam outro mundo possível ao capitalismo. Assim, podemos dizer que estamos confinados neste mundo e a reclamação política hoje é incapaz de produzir a constituição de uma reclamação universal.

Entretanto, o confinamento compulsório é um tipo de confinamento voltado para dentro. Nele, ao contrário do confinamento no mundo existente, estamos de alguma maneira liberados pela pressão em torno da luta por reconhecimento. Slavoj Žižek (2020) disse recentemente que “até as máscaras brancas na face das poucas pessoas que circulam por aí oferecem um anonimato muito bem vindo, uma liberação social pelo reconhecimento”. O problema é que a liberação produzida pelas máscaras particulares não é imediatamente substituída por um outro tipo de semblante que seja universal, mas o Eu aparece ao mundo desprotegido de seu lugar no mundo. O que isso pode significar? Aquele que trabalho não é mais útil, pois com o estado de emergência instalado, muitos os trabalhos concretos tornam-se ociosos ou completamente inúteis, pois todos são reduzidos à sua condição corpórea ordinária. A ambiguidade é que a vulnerabilidade biológica não é uma condição apenas daqueles que não têm nada, em que a proteção de classe possa ser decisiva para que o contágio seja bloqueado. A condição de classe é necessária, mas ela não é suficiente para definir o ritmo da extinção em tempos de emergência.

Nesse sentido, podemos dizer que o vírus não tem instinto de classe. Ele começa destruindo as classes médias e vai ocupando todo o tecido social. Ele se reproduz pelas desigualdades obscenas e pelo desmonte de toda proteção social possível. Não há barreira possível capaz de fazê-lo parar imediatamente. A impressão é que a crença compartilhada no fim do mundo é mais forte do que o próprio fim do capitalismo. Assim, foi um vírus global capaz de destruir nossos empregos, nosso modo de vida moderno, nossas certezas? A situação provocada pelo pânico global nos fez recuar para o confinamento. É aqui, ao contrário da hipótese da “normalidade” capitalista esboçada por Marx (em que o circuito da produção e reprodução ampliada M-D-M' acontece livremente e automaticamente), que somos confrontados pela brutalidade do tipo de subjetividade da forma de vida específica do próprio capitalismo global. A “suspensão” da vida comum possibilitou que os problemas da objetividade estranhada apareçam através da subjetividade danificada. Talvez tenha sido a redução do espaço físico de vida que fez com que a universalidade do modo de vida imposto pelo capitalismo pudesse aparecer em toda a sua inteireza.

Sabemos que o tempo de trabalho socialmente necessário é decisivo na constituição do valor das mercadorias. Além disso, o processo de valorização é dependente da velocidade de circulação do capital, que precisa encurtar o tempo

entre M e M'. O confinamento estabelece o tempo lento infinito. Na verdade, na maior parte do tempo estamos submetidos à temporalidade do não-trabalho. Não é apenas uma certa determinação da improdutividade, mas do parasitismo. Com mais tempo disponível, o que torna o confinamento um inferno pessoal?

Lukács diz que “o estranhamento é, portanto, um fenômeno social universal, que predomina entre os opressores assim como entre os oprimidos, entre os exploradores assim como entre os explorados” (Lukács, 2013, p. 754). É por isso que o estranhamento objetivo não poderá ser resolvido por uma atitude meramente pessoal, como se ao fechar da porta toda a indignidade ficasse para o lado de fora do confinamento. Nesse sentido, Marx diz que não podemos considerar a objetividade estranhada apenas como produtos de sua autoalienação absoluto, “como fantasmagorias *ideais*, como simples *alienações da autoconsciência*, e querer destruir o estranhamento *material* apenas mediante uma ação *espiritualista interior*” (Marx, 2003, p.99-100). Lukács insiste que qualquer ruptura com o estranhamento só é possível quando o sujeito singular transcende o particularismo do mundo atual:

a pessoa que, mediante decisões individuais, quiser romper o seu próprio estranhamento precisa, a fim de conseguir realizar subjetivamente essa ruptura, possuir uma perspectiva, em última análise -todavia só em última análise- de cunho social, orientada, ainda que tragicamente, para algum modo fenomênico da generidade para si; unicamente tal perspectiva lhe permitirá alçar-se interiormente de modo efetivo acima da sua própria particularidade impregnada de estranhamentos, enredada em estranhamentos (Lukács, 2013, p. 767).

Por que os governos populistas e fascistas (de Trump a Bolsonaro) defendem que as pessoas voltem para a “normalidade” das ruas? Temos que pensar como um sintoma social de algo que está recalcado, ou seja, a classe dominante global sabe (mesmo sem o saber) que o verdadeiro confinamento é aquele que é exercido dentro da circularidade da “normalidade” capitalista. O problema da redução do espaço físico pessoal é que ele produz uma agudização das características indignas da subjetividade estranhada: excesso da masculinidade boçal, violência contra a mulher e o novo modelo ideológico baseado na mentira especializada são apenas algumas variações do confinamento compulsório que, na verdade, evidencia a própria “normalidade” da forma de vida atual. Do ponto de vista subjetivo, impera a lógica sádica do descarte da vida daqueles que são desconhecidos -o “retorno do reprimido” malthusiano?-, o generalizado adoecimento subjetivo com a proliferação da depressão e da ansiedade, a paranoia etc., são apenas elementos importantes para o descortinamento de uma realidade que é reflexiva. É por isso que ela assusta, pois somos submetidos ao espelho do que somos. Não é isso que regozijamos em reality shows? Nesse caso, a diferença é

que podemos julgar sentados confortavelmente com nossa relativa capacidade de controle escondida em anonimato. Mas agora estamos descobertos e a vontade de aparecer, dizer, sentir-se útil, transformou nosso confinamento em desejo de compartilhamento da nossa alimentação, trabalho remoto, cuidados com o corpo e saúde, culinária etc. É o espetáculo do confinamento. O paradoxo é que o confinamento e o infinito tempo livre não têm possibilitado o desenvolvimento das nossas capacidades e da subjetividade autêntica.

Byung-Chul Han fala que “a sociedade do desempenho e a sociedade ativa geram um cansaço e esgotamentos excessivos”. O confinamento funciona como uma suspensão na sociedade do desempenho? Temos que dizer que não. O que estamos experimentando é, numa escala micrológica, o tipo de sofrimento e de angústia vivida do lado de fora do “mundo”. É por isso que sentimos demasiado cansaço, mesmo com supostamente tempo livre para pensar, ler, sentir. Em grande medida, o confinamento viola o limite do superego e externaliza de maneira violenta o que está recalcado. Então, trata de “um cansaço solitário, que atua individualizando e isolando” (Han, 2017, p. 70-71). O excesso de preocupações é derivado do confinamento global neste mundo. Assim, o pequeno confinamento é apenas o laboratório específico da “jaula de aço” do capitalismo.

Temos que fazer uma pergunta importante aqui: no estado de desesperança e de redução das expectativas do futuro, quem ainda importa? A disputa da subjetividade está em questão hoje. É sobre ela que a disputa ideológica opera. A pandemia da covid-19 esvaziou a vida pública coletiva, mas paradoxalmente afirmou o primado da metafísica religiosa no trabalho do consolo. Apenas a psicologia e a psicanálise -que precisam ser estetizadas para se tornarem úteis e terem audiência massiva- podem atuar na disputa pela explicação e, sobretudo, no consolo do desespero subjetivo pessoal e coletivo. Diante do pânico incontornável, a racionalidade tem menor capacidade de influência e de interiorização nas pessoas impactadas por ele. Mas também o Estado se encontra numa situação difícil. Quando a vida pública é extinta, as funções de controle são diminuídas. Quem pode regular a vida privada? A vida privada é dominada exclusivamente pelo nihilismo e pela função egóica do prazer autossuficiente. É assim que a vida privada é dominada como se o futuro fosse apenas uma “rua de mão única” cujo fim é um tipo de abismo inescapável. A metafísica religiosa é funcional aqui, pois ela rememora a dimensão de desgraça e de pecado, insulta os valores propriamente modernos, e sustenta que o que acontece agora é resultado da própria miséria humana.

Temos dois inimigos: a metafísica religiosa reacionária e o excesso de informações disponíveis. Eles impedem que a imaginação seja um aconteci-

mento autêntico. Não podemos pensar. Não podemos imaginar outro mundo. Estamos cansados. Alguém ainda dorme? Jonathan Crary diz que “a insônia é o estado no qual produção, consumo e descarte ocorrem sem pausa”. Estamos todos “acordados”. Ele diz que esse fenômeno funciona como “uma zona de insensibilidade, de amnésia, de tudo que impede a possibilidade de experiência” (Crary, 2016, p. 26-27). O confinamento não é justamente a ruptura com a circularidade da pausa do ciclo do tempo cotidiano? Agora, estamos num presente continuado indefinido, sem turnos, sem pausas, sem acontecimento, sem futuro.

O paradoxo é que já estávamos confinados antes do estabelecimento do confinamento compulsório: confinados pela “coação muda” do mundo e a oposição confinada na sua própria incapacidade de pensar outro mundo. Franco Berardi diz que “a utopia da vida autêntica” está desenhada como a suspensão ética da “obrigação da produção, da disciplina e do recalque” (Berardi, 2019, p. 77). Não são características separadas, mas elas estão combinadas na reprodução do confinamento estrutural. O confinamento compulsório não seria uma forma pela qual a produção, disciplina e recalque são liberadas de suas obrigações usuais? É preciso dizer que não se trata de liberação, mas de um tipo específico de deslocamento, que está voltado inteiramente para dentro da subjetividade do sujeito singular. Então, o confinamento é um tipo de exacerbação e prolongamento da vida inautêntica experimentada no mundo atual. Não seria exagero dizer que o confinamento é o próprio conceito de cansaço. Poderíamos ter um futuro que signifique um tipo de cansaço livre das obrigações da liberdade, mas o que temos hoje é um tipo de “cansaço sem mundo” (Han, 2017, p. 72).

A função ideológica do confinamento é achatar ainda mais nosso mundo como campo possível de expectativas e a totalidade do universo simbólico que fazemos parte. Assim, diz Franco Berardi, “oprimido pela saturação da atenção, o presente é tão denso que o cérebro não pode se separar dele, não pode projetar sua eficiência para fora do momento presente” (Berardi, 2019, p. 109). O que temos que perceber é que o confinamento pode nos proteger relativamente da covid-19, mas é parte do mecanismo mais global de perpetuação do excesso de capitalismo inconsistente. A conclusão é arrebatadora: estamos cansados, e esse cansaço paralisa qualquer imaginação política do futuro. Estamos desabrigados de mundo. O cansaço verdadeiro é aquele capaz de elaborar um tipo de mundo desprovido da compulsão abstrata e da necessidade interiorizada da luta por um reconhecimento simbólico, pois a rejeição é um tipo de mediação do mundo atual. Byung-Chul Han (2017, p. 78) fala: “a sociedade por vir chamar-se então sociedade do cansaço”. Ele tem razão. É um bom começo.

Ainda podemos respirar?

Jean-Luc Nancy (2020) diz que temos hoje uma situação paradoxal, pois “o vírus nos comuniza, já que somos obrigados a enfrentá-lo juntos, ainda que isso passe pelo isolamento de cada um”. Para ele, estamos diante de uma “oportunidade de experimentar verdadeiramente nossa comunidade”. A questão simples que temos que nos perguntar aqui é: será mesmo?

A discussão é permeada pela noção de perda. Fala-se que perdemos a liberdade pessoal para um tipo de confinamento antissocial assustador. A ideologia dominante neoliberal insiste na perda da economia, isto é, na extinção dos empregos e da estrutura de vida compartilhada até aqui. Podemos pensar que a “perda” é o processo constitutivo do nosso tempo. Não apenas pela “perda” que faz com que exista uma “falha” propriamente econômica entre as necessidades e sua miríade de satisfação pessoal, mas temos um tipo de perda que é o curto-circuito entre a situação singular de cada pessoa e o ponto do não-reconhecimento subjetivo singular com o mundo.

O processo de reconhecimento do mundo perpassa pelo autorreconhecimento autêntico, que na verdade seja capaz de produzir uma elevação da pura particularidade a um nível universal de existência. Na atual etapa do capitalismo, o reconhecimento é mediado pela plasticidade das mercadorias, cujo excesso aparece cada vez mais como quantidades inúteis e descartáveis. Peter Trawny insiste que “a perda não é um processo neutro”, ele “é o desaparecer de algo que ‘nos pertece’”. Assim, “algo que não pode ser nem substituído nem mantido nos é arrancado” (Trawny, 2019, p. 29). Podemos falar em política da perda?

Para sua própria autorreprodução sem limites, o capital armazena e acumula “tempo abstrato”, que é um típico processo de roubo internalizado da subjetividade atuante pelo capitalismo. Ele não sofre nenhuma perda. Sua memória é capitalizada “por meio da abundância acessível do passado”, que é armazenada e monopolizada, mas que “sufoca o futuro” (Trawny, 2019, p. 29). É possível reivindicar o que foi perdido? Ou, para ser mais preciso, o que a perda esconde como significado para a descoberta da liberdade autêntica? Curiosamente a covid-19 ataca o sistema imunológico subtraindo imediatamente a capacidade de respiração. Perdemos a respiração.

Franco Berardi diz que “o sentimento geral de nossos tempos” pode ser observado como “a falta física e psicológica de ar por toda parte, nas megacidades sufocadas pela poluição, nas condições sociais precárias da maioria dos trabalhadores explorados, na disseminação do medo da violência, da guerra e de agressões” (Berardi, 2020, p. 137). Este é o objeto da perda? A verdade é que a experiência humana autêntica não pode ser reduzida à apropriação individual de mercadorias. Essa dinâmica compulsiva é responsável pela manutenção da falta

de respiração, isto é, por um tipo de sociabilidade marcado pelo sufocamento. O sintoma limite do covid-19 é o colapso do sistema respiratório. Não estaríamos sufocados no capitalismo? A falta de respiração é a ausência completa de uma vida capaz de ser autêntica. A respiração pressupõe a transcendência da base objetiva alienada existente.

Assim, a transposição do “Não consigo respirar” produzido pela “pandemia” capitalista não é resolvida pela adaptação micrológica mediante o dispositivo do isolamento social e a utilização de máscaras de contenção. Não é possível escapar do poder de alcance do capitalismo global. É da sua condição propriamente inconsistente a capacidade de adaptação aos constrangimentos impostos. O paradoxo subjacente é que as máscaras produzem uma desnecessidade para que se tenha uma identidade própria na luta por reconhecimento simbólico. Por outro lado, produzem um tipo de “sufocamento” da liberdade negativa capitalista. Podemos dizer que estamos numa situação de transe social agudo. Há evidentemente um curto-circuito na disputa pelo futuro. Talvez estejamos diante de um tipo específico de *homo suffocatus*, cuja existência primordial é a inexistência de respiração, ou melhor, sua respiração está condicionada a respirar nos limites do universo existente através de máscaras que nos desidentificam por antecipação de outro modo de ser genérico-universal.

A interrogação de Jean-Luc Nancy é importante, ou seja, ele fala no “comunovírus” como um desafio para a elaboração de outra forma de comunidade. Ele insiste que podemos até ter algum tipo de alívio provisório, quando o problema não é superado, mas apenas deslocado, já que será necessário se “preparar para outras epidemias” (Nancy, 2020). O que o capitalismo atual impossibilita é uma “respiração” verdadeira, isto é, a abolição da propriedade, do trabalho assalariado e da “pandemia” do capital. Não há aparelho ou máscara capaz de filtrar a desumanização produzida pelo capitalismo global. É necessário transformar o “comunovírus” num autêntico comunismo prático. Talvez seja essa a principal lição dos tempos sombrios que vivemos. A equação de Alain Badiou sobre a situação da França tem uma dimensão global:

Quanto a nós, que desejamos uma mudança real nos eventos políticos deste país, temos que aproveitar o interlúdio epidêmico, e até, o confinamento (claro, necessário), para trabalhar em novas figuras da política, no projeto de lugares políticos novos e no progresso transnacional de uma terceira etapa do comunismo, depois de sua brilhante invenção, e daquela, interessante, mas finalmente vencida experimentação estatal (Badiou, 2020, p. 77).

A respiração autêntica que precisamos após o dilúvio epidêmico não poderia ser chamada de comunismo? A questão decisiva não é que temos que ter uma solução para a catástrofe. Talvez tenhamos que reformular o impasse, elaborando

o problema. O excesso de “otimismo da vontade” não nos levará a lugar algum diferente de uma restauração profunda e amarga.

Hoje, mais do que nunca, precisamos de uma respiração que corresponda a uma vida verdadeira e autêntica, para além do capitalismo de sufocamento: “novas figuras políticas” e “lugares políticos novos” são os enunciados de uma outra forma de vida. Achille Mbembe fala em “direito universal à respiração”. Eu diria, o direito à respiração autêntica e verdadeira. Ela tem nome, chama-se comunismo como uma Ideia universal eterna.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. Reflexiones sobre la peste. In: AMADEO, Pablo. *Sopa de Wuban: Pensamiento Contemporáneo en Tiempos de Pandemia*. Buenos Aires: Pablo Amadeu Editor. Editorial ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 2020.
- BADIOU, Alain. Sobre la situación epidémica. In: AMADEO, Pablo. *Sopa de Wuban: Pensamiento Contemporáneo en Tiempos de Pandemia*. Buenos Aires: Pablo Amadeu Editor. Editorial ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 2020.
- BERARDI, Franco. *Depois do futuro*. São Paulo: Ubu Editora, 2019.
- CRARY, Jonathan. *24/7: o capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo: Ubu Editora, 2016.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contratempo, 1997.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- LAFARGUE, Paul. *O direito à preguiça*. São Paulo: EDIPRO, 2016.
- LUKÁCS, György. *Para uma ontologia do ser social II*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, Karl. *A sagrada família*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- _____. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- _____. *O capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MBEMBE, Achille. *O direito universal à respiração*. Abril de 2020. Disponível em <https://n-1edicoes.org/020>. Acesso em 25 Abr. 2020.
- NANCY, Jean-Luc. *Comunovírus*. Abril de 2020. Disponível em <https://n-1edicoes.org/009>. Acesso em 25 Abr. 2020.

TRAWNY, Peter. *Medium e Revolução*. Belo Horizonte: Veneza: Editora Âyinê, 2019.

ŽIŽEK, Slavoj. *Coronavírus, racismo e histeria* (07/02/2020). Disponível em <http://www.grabois.org.br/portal/artigos/155028/2020-02-07/zizek-coronavirus-racismo-e-histeria> Acesso em 25 Abr. 2020.

_____. *A coragem da desesperança: crônicas de um ano que agimos perigosamente*. São Paulo: Boitempo, 2019.